



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

CÁSSIA CRIS COSTA DO AMARAL

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA INTERVENÇÃO DOS
DISTÚRBIOS QUE AFETAM O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

CÁSSIA CRIS COSTA DO AMARAL

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA INTERVENÇÃO DOS
DISTÚRBIOS QUE AFETAM O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Lima Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

A513i

Amaral, Cássia Cris Costa do.

A importância da família e da escola na intervenção dos distúrbios que afetam o desenvolvimento da linguagem / Cássia Cris Costa do Amaral. - 2020.

41 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Lima Santos.

1. Crianças - Linguagem. 2. Distúrbios da linguagem. 3. Lar e escola. 4. Teoria interacionista (Linguística). I. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 407

CÁSSIA CRIS COSTA DO AMARAL

**A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA INTERVENÇÃO DOS
DISTÚRBIOS QUE AFETAM O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 17 de janeiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Denilson Lima Santos (Orientador)

Doutor em Estudos Literários (UdeA, Medellín, Colômbia)

UNILAB

Prof.^a Dr.^a Erica Aparecida Kawakami Mattioli

Doutora em Sociologia - UFSCar

UNILAB

Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos

Doutor em Linguística - USP

UNILAB

AGRADECIMENTOS

Venho por meio destas palavras agradecer primeiramente a Deus, por me ter dado sabedoria, direção e força para a conclusão desse trabalho. Agradeço ao meu orientador por toda a ajuda e dedicação que foram para mim bases importantes para a realização e conclusão desse trabalho. A minha filha, meu foco para buscar o melhor. Agradeço também a uma pessoa que hoje não está mais perto presencialmente, mas, que foi muito importante nessa etapa para me inspirando a fazer o melhor nesse trabalho, o qual também cada linha deste trabalho, foi inspirado e dedicado a está pessoa. Agradeço também ao professor Alexandre Timbane pelo suporte que a me foi dado.

Quanto mais conhecemos determinado fato ou assunto, mais nos sentimos seguros diante dele. O novo gera insegurança e instabilidade, exigindo reorganização, mudança. É comum sermos resistentes ao que nos desestabiliza. Sem dúvida, as ideias inclusivas causaram muita desestabilidade e resistência (MINETTO, 2008, p.17).

RESUMO

A presente pesquisa demonstra a importância da família e da escola como interventores das disfasias que afetam o desenvolvimento da linguagem, isso porque, segundo a teoria interacionista, a qual é base teórica deste estudo, considera que o indivíduo se desenvolve mediante os estímulos que recebe no meio em que está inserido. Com isso, essa pesquisa tem como objetivo contribuir para a interação e integração dos alunos com necessidades educacionais específicas no ambiente escolar com a participação ativa da família. Para tanto foi necessário caracterizar as políticas para educação inclusiva, o atendimento educacional especializado em pessoas com paralisia cerebral, os profissionais e a família que atuam como intermediários nesse processo. Este estudo seguiu numa abordagem qualitativa com entrevistas, observação participativa, e análise da interpretação dos dados coletados na metodologia, que foram importantes para a conclusão deste trabalho. Mediante os resultados obtidos, entendeu-se que o indivíduo, principalmente quando é afetado por disfasias temporárias ou permanentes que afetam o desenvolvimento da linguagem, precisará de apoio e estímulos da família e do ambiente escolar que será inserido, para que haja uma integração nesse ambiente, além da promoção da autonomia do portador de necessidade especial.

Palavras-chave: Crianças - Linguagem. Distúrbios da linguagem. Lar e escola. Teoria interacionista (Linguística).

RESUMEN

Esta investigación demuestra la importancia de la familia y la escuela como interventores en los trastornos que afectan el desarrollo del lenguaje, porque, de acuerdo con la teoría interaccionista, que es la base teórica de este estudio, considera que el individuo se desarrolla a través de los estímulos recibidos en el medio en el que se inserta. Por lo tanto, esta investigación tiene como objetivo contribuir a la interacción e integración de las personas con necesidades educativas en el entorno escolar con la participación activa de la familia. Por lo tanto, fue necesario caracterizar las políticas de educación inclusiva, la asistencia educativa especializada para personas con trastornos del lenguaje, los profesionales y la familia que actúan como interventores en este proceso. Este estudio siguió un enfoque cualitativo con entrevistas, observación participativa y análisis de la interpretación de los datos recopilados en la metodología, que fueron importantes para la conclusión de este trabajo. A partir de los resultados obtenidos, se entendió que el individuo, especialmente cuando se ve afectado por disfasias temporales o permanentes que afectan el desarrollo del lenguaje, necesitará apoyo y aliento del entorno familiar y escolar que se insertará, para que haya una integración en este entorno además de la promoción del automóvil de la persona con discapacidad.

Palabras-clave: Hogar y escuela. Niños - Idioma. Teoría interaccionista (Lingüística). Trastornos del lenguaje.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APAE: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

LPV: Leucomálacia Periventricular

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

NINDS: National Institute of Neurological Disorders and Stroke

OMS: Organização Mundial de Saúde

PC: Paralisia Cerebral

PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3	METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	19
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS	23
4.1	ANÁLISE GERAL	23
4.2	A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM PESSOAS COM PC	25
4.3	A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PARA SUPERAR AS DISFASIAS DA FALA EM PESSOAS COM A PC, NA CONCEPÇÃO DA FONOAUDIÓLOGA E DA PSICOPEDAGOGA	34
4.4	ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA NA PESQUISA	36
4.5	COMPARAÇÃO DOS DADOS	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Quando o assunto é o desenvolvimento cognitivo de uma criança, deve ser considerado o tempo de que cada criança precisa para tal. Pois existem também as disfasias temporárias e permanentes que podem afetar a criança, o que implica em uma nova realidade para essa família. Uma criança diagnosticada com distúrbios que podem afetar seu desenvolvimento e aprendizagem, vai requerer da família e todos ambientes que essa criança terá contatos posteriores, como a escola, uma reorganização e flexibilidade que proporcione a essa criança possibilidades de desenvolvimento e autonomia.

O tema de pesquisa deste trabalho é sobre a importância da família e da escola aliadas no processo do desenvolvimento da linguagem em crianças com paralisia cerebral. Além disso, tem como objetivo reforçar a proposta da família e da escola em formarem uma parceria para intervir nesses distúrbios, visando também fortalecer a proposta de inclusão. A relevância deste trabalho está na reflexão que ele trará sobre a família como peça primordial na vida de um indivíduo para auxiliar no seu desenvolvimento. De igual modo, apresenta a escola como segundo contato importante para promover a interação social e aprimorar os estímulos obtidos no ambiente familiar. Outro ponto importante é que irá refletir sobre o que é a verdadeira inclusão e como ela deve ser realizada para que os portadores de distúrbios da linguagem possam ter uma garantia de desenvolvimento, autonomia e socialização de qualidade.

A criança quando nasce ou adquire uma disfasia que afeta sua comunicação oral, encontrará algumas dificuldades para o seu desenvolvimento, algumas delas estarão no meio que essa criança será inserida, pois se não houver uma adaptação para intervir nesses distúrbios, haverá dificuldades de interações sociais, com isso, sofrerá a criança e sua família por não acharem auxílio e orientações nas instituições.

Por isso, esta pesquisa busca responder este questionamentos: como a família deve proceder para intervir no distúrbios que afetam o desenvolvimento da fala de uma criança? Como a escola pode auxiliar para a integração social dessa criança? Como incluir um aluno como necessidades educacionais específicas no ensino regular? As escolas de educação especiais realmente têm dado ao aluno portador de necessidade especial possibilidades de desenvolvimento e autonomia? Que atendimento e orientações são usadas para estes alunos?

É preciso considerar que a escola deve se adaptar a necessidade do seu aluno e não o aluno a escola, e com isso promover estratégias junto a família para a superação dessas necessidades. É preciso que essas duas instituições (família e escola) proporcionem em seu meio possibilidades e estímulos que desenvolvam a autonomia do portador de necessidades especiais.

Para aprofundar mais o conhecimento sobre o tema da pesquisa, foi feito estudo em referências bibliográficas como: livros, artigos, sites científicos que se interessam pelo o estudo do desenvolvimento da linguagem em criança portadores de distúrbios por meio dos estímulos do meio, entrevista com as famílias e educadores que convivem com portadores de necessidades especiais de aprendizagem. Depois dessa etapa, realizou-se a análise desses dados obtidos com reflexão sobre eles, tendo a intenção de afirmar a ideia da pesquisa sobre a importância do meio social e dos estímulos que são obtidos através deste, sobretudo no aspecto do desenvolvimento da criança.

A pesquisa foi dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo é apresentado o projeto e sua estrutura com os objetivos gerais e específicos e a problemática da pesquisa.

No segundo capítulo é feita a fundamentação teórica do trabalho, abordando conceitos teóricos e científico para promover maior detalhamento sobre o tema.

No terceiro capítulo apresenta-se a metodologia da pesquisa que demonstra os meios utilizados para a coleta de dados da presente pesquisa.

O quarto capítulo está dividido em duas partes que consistem em: análise de dados em que são feitas as apresentações e as discussões dos dados coletados, bem como análises das famílias, escolas e dos portadores da paralisia cerebral e as considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Diante de uma criança que fala mal ou que se comunica mal, não há como, não se inquietar. Nesse caso devemos procurar nos informar para compreender.” (Laurent Danon)

Quem nunca ouviu os seguintes termos: “meu filho falou rápido!” ou “meu filho é preguiçoso para falar, ainda não pronunciou uma palavra...” ou “coloca um pinto na boca desse menino para ver se ele fala mais rápido.” Essas palavras demonstram as inquietações da família diante a um distúrbio que dificulta o desenvolvimento da linguagem em uma criança.

O período de aquisição e desenvolvimento da fala, sempre será fácil e rápido para alguns, porém complexo para outros. Por isso, diante da dificuldade da fala de uma criança devemos dar total importância.

Os questionamento sobre a aquisição da linguagem na criança, surgiram mediante a um contexto de pensamento vigente da época: o empirismo, que serviu como base para as duas primeiras teorias da aquisição: o behaviorismo e o conexionismo, que não consideravam a mente como importante no processo de aquisição, foca-se apenas na capacidade inata de estímulos e respostas humana. Desse modo, a teoria behaviorista tem a criança, como uma fonte de imitações e reforço: “Ter um reforço positivo e, nesse caso, o comportamento/linguagem se manteria. Ter um reforço negativo, eliminando o comportamento, ou não ter nenhum tipo de reforço” (DEL RÉ, 2006, p.19).

Em oposição a ideia de estímulo-resposta, surge, então, o racionalismo, este admite que a mente é o fator principal no processo da aquisição da linguagem, pressupondo uma capacidade inata que dissimula o processo de aquisição. Seguindo esse contexto, o inatismo, em oposição ao behaviorismo, considera em sua teoria, a criatividade, as regras linguísticas variadas, a rapidez no processo de aquisição e as disfunções da linguagem, nas áreas específicas do cérebro. “Tal teoria fundamenta-se na observação de que a criança, simplesmente por viver no meio em que se fala uma determinada língua, começa a produzir sons dessa língua, e aos 3/4 anos já está com sua “gramática “quase completa.” (DEL RÉ, 2006, p.19)

Portanto, para teoria inatista, o processo de aquisição da linguagem, não acontece por meio da memorização. Ao afirmar isso, a teoria do inatismo considera a genética do ser humano. A criança já possui essa habilidade, antes do contato com a

língua, porém, só desenvolvendo no contato e estímulos do meio, nisso se torna importante a família, a escola, a brincadeira no parquinho para que essa competência seja ativada, referente a isso, Chomsky (citado por DEL RÉ,2006) comparou a criança ao um fechadura na fase da aquisição da linguagem:

Cada criança nasce com uma fechadura, pronta para receber uma nova chave, cada chave acionaria a aquisição de uma língua diferente, daí todas nasceram com a mesma capacidade e poderem adquirir as mais diferentes língua” (CHOMSKY citado por DEL RE,2006, p.20).

Chomsky baseia-se pela intuição e o conhecimento internalizado do falante, para medir a capacidade de organizar a gramática e os elementos linguísticos em uma frase. Já a ideia interacionista de VYGOTSKY defende que o meio social da criança servirá como estímulo para o seu desenvolvimento. Considerando tais teorias: qual seria a importância da família, educadores e a convivência escolar, para aquisição da linguagem?

Respondendo ao questionamento acima, e tomando como base a teoria interacionista de VYGOTSKY(1935/2010), existe uma necessidade de inserção ao meio social, e em especial à escola, para que sejam adquiridos os conhecimentos externos, como aprender a conjugação verbal, plural e outros. É preciso considerar também que o meio em que o indivíduo está inserido, servirá para ajudá-lo a superar suas dificuldades, e lhe dará possibilidades de maiores desenvolvimentos.

Em relação as dificuldades que podem ocorrer durante o processo de aquisição, VYGOTSKY(1935/2010) também observou as disfasias que ocorrem nesse processo, podendo ser de um período crítico temporário ou permanente. O distúrbio do desenvolvimento da linguagem oral, acomete entre 7% a 8% das crianças, algumas vezes passando despercebidos pela família, pois a criança pode ser afetada pela disfasia do desenvolvimento, e possuir uma boa linguagem não verbal (gesto e comunicação). Lanneberg (1967) também afirmou haver um período crítico durante o processo de aquisição da linguagem. Segundo o autor, este se inicia por volta dos dois anos e dura até a puberdade; logo é preciso ser considerado esse período da aquisição e desenvolvimento da linguagem, importante, mesmo sabendo que a língua está em constante mudança e desse modo a aquisição de uma linguagem nova é possível em outros períodos da vida.

A disfasia consiste em uma dificuldade nas realizações verbais, podendo ser associada aos retardamentos mentais, como a paralisia cerebral. Castellanos (2010, p.1) acreditava que os portadores de PC, apresentam a fala em outras modalidades. No entanto, “O cérebro representa 2% da nossa massa corporal, porém, consome mais de 20% do nosso oxigênio” (FERREIRA, REBEL, 2010, p.1). Assim, a atividade cerebral comanda as ações sensoriais, motora e neurológica: fala e memória.

Outro fator importante é que o cérebro possui a divisão em lobos que se ligam entre si. No que diz respeito a fala, é o lobo frontal que está localizado atrás da testa e é responsável pelas funções da aprendizagem, pensamento e a fala. O cérebro também é formado por duas metades, denominadas de hemisfério direito e esquerdo. É no hemisfério esquerdo que a capacidade da leitura, escrita e a identificação das regras gramaticais acontecem. Quando existem disfasias que afetam a linguagem, o hemisfério esquerdo é afetado.

Segundo a teoria de DEL RÉ e ROSELI VASCONCELLOS (2017), a criança pode ser afetada por algumas dessas disfasias temporárias no período da aquisição da fala, ou essa também pode ser congênita. A exemplo disso, a paralisia cerebral, em que na maioria dos casos a oralização é afetada, o que a torna restrita ou nula nas pessoas com paralisia cerebral. Porém, mesmo com a restrição na oralização, a linguagem pode ser expressa de outras formas, levando em consideração que existe a audição, por isso são válidas todas as ações que a criança consegue desenvolver por meio da ajuda de alguém, como: as expressões faciais, gestos e outros meios de comunicação.

A paralisia cerebral (PC) consiste em um distúrbio neurológico que envolve danos na função neuromuscular, geralmente de caráter não progressivo. Machado, Fagundes e Assis (1987), Nery (1983) e Brandão (1992), definiram PC como um distúrbio que compromete a função motora, isso acontece por causa das lesões cerebrais no sistema nervoso central no período do desenvolvimento. Já DEL RÉ (2006) baseou-se no conceito de FREUD sobre a paralisia cerebral, quando este buscava entender a síndrome de Little que acometia as crianças na primeira infância:

Embora se atribua a um cirurgião inglês, William Little, o registro das primeiras descrições médicas de uma desordem motora que afetava algumas crianças em seus primeiros anos de vida, foi FREUD, em sua fase neurológica, quem cunhou o termo “paralisia cerebral”, quando precisamente estudava a síndrome ou moléstia de LITTLE. (DEL RÉ, ROSELI VASCONCELLO, 2017, p.01).

Para alguns estudiosos fatores como a falta do pré-natal, lesões durante o parto ou na primeira infância são fatores desencadeadores da paralisia cerebral. Já para Machado e Cloes (1987) consideram os fatores atenuantes como: a infecção uterina, transtorno no metabolismo materno, parto prolongado ou prematuro dentre outros. Porém Arapino, Curatolo, Satazi e Pelegrini (1999) consideram as incompatibilidades genéticas. A principal sintomologia da paralisia cerebral são os transtornos motores, mesmo que estes se estabilizem com o tempo, o paralítico cerebral podem ter atrasos no desenvolvimento sensorial, com mecanismo postural insuficientes, e inabilidades para realizar atos motores voluntários. Deste modo, o desenvolvimento da comunicação da criança com a PC, precisa ser avaliada e trabalhada nos fatores que interferem o desenvolvimento da linguagem e dos aspectos expressivos que são ocasionados pelo déficit motor. Segundo DEL RÉ E ROSELI VASCONCELLO(2017) a o tipo de PC que afeta uma criança, afeta sua oralidade também:

A classificação da PC é circunscrita pela natureza da desordem motora envolvida: espasticidade, atetose ou ataxia. O comprometimento motor resultante da sequela neuromotora pode também resultar em diferentes níveis no que tange a oralização (DEL R; ROSELI VASCONCELLO 2017,p.1).

As crianças acometidas pela paralisia cerebral tendem a possuir restrições mental e visual, auditiva, dificuldade na aprendizagem, falta de coordenação motora e, principalmente, o déficit da linguagem por alterações psicológicas que impossibilitam a comunicação pela fala, ocasionando a falta de socialização.

Uma criança com PC terá seu tempo de desenvolvimento, assim como toda criança. Podendo ocorrer dificuldades no desenvolvimento da morfossintática, como foi salientado pela fonoaudióloga Dionísia Lamanica (2010) que as expressões morfossintática de um indivíduo acometido pela paralisia cerebral seria reduzida mediante sua dificuldade motora facial:

Quanto a expressão, a produção morfossintática pode ser reduzida no intuito de adequar suas fonoarticulação. Deve-se levar em conta que a incapacidade funcional motora, agindo na região da cintura escapular e atuando no controle da musculatura orofacial, na respiração e na coordenação pneumofonoarticulatoria, prejudicava sua expressão oral (LAMONICA,2010, pág. 381)

Mediante a concepção de LAMONICA (2010) o portador da PC terá restrições gramaticais que restringirá seu discurso, tornando mais fácil a comunicação por expressões faciais. Outros campos que podem ser afetados pelo déficit sensorial como: a audição e a visão, que também causarão retardos na aquisição da linguagem, isso porque, a percepção de mundo juntamente com a internalização de conceito, a compreensão de significados e significantes, contribuem para o desenvolvimento da linguagem.

Outro fator que impossibilita o desenvolvimento da linguagem nas pessoas com a PC para LAMONICA (2010) é a dependência física ocasionada pela dificuldade motora: “A dependência física, e a inabilidade para experimentar as diversidades dos ambientes sociais, são impedimentos para que o paralisico cerebral tenha mais oportunidade para utilizar a linguagem” (LAMONICA,2010, pág. 381).

Deste modo, a criança diagnosticada com a paralisia cerebral implica em uma nova realidade de aceitação e estabelecimento de vínculos. Nesse aspecto, Minuchin (1990) classifica a família como importante e fundante no desenvolvimento psicossocial da criança, internalizando a linguagem através de estímulos ambientais, o que afirma a ideia de Vygotsky (1935/2010) que caracteriza a linguagem como esquema de mediação do comportamento humano.

Sendo assim, a criança adquire seus conhecimentos explorando o meio em que está inserida e a cada fase do desenvolvimento o conhecimento efetivo e cultural tornam-se mais amplos, o que lhe dará possibilidades de desenvolver autonomias. Entretanto, para que isso aconteça é necessário que haja um estímulo no seu desenvolvimento e uma maturidade no seu sistema nervoso, mas no caso da paralisia cerebral pode haver a perda da maturação que causará lacunas em seus repertórios e na sua vivência social. Por isso, a inserção dessa criança no meio social precisa ser trabalhada na compreensão das suas necessidades de integração, pois é comum haver casos da paralisia cerebral apenas com necessidades específicas e não intelectual, o que modificaram os métodos de estímulos e as avaliações do seu desenvolvimento.

Por causa de suas necessidades específicas, esse aluno precisará de convívio social que possua a sensibilidade para conhecer suas possibilidades de desenvolvimento, e a partir disso, desenvolver métodos que estimulem sua autonomia. Para que esse progresso seja possível, a criança precisará que suas habilidades sejam trabalhadas, por meio de incentivos dos ambientes que estiverem

inseridas, como a escola, e a família que serão bases fundamentais nesse processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem na pessoa com PC.

Para tanto, é necessário haver um trabalho que favoreça a interação social dessa criança, para que seus aspectos comunicativos sejam desenvolvidos, respeitando suas possibilidades. Desse modo, a relação da família com a escola da criança com necessidades educacionais específicas devem resultar na preparação de um ambiente que favoreça sua autonomia qualitativamente com acolhimentos que estimulem as possibilidades motoras dessa criança.

Atentando também para os cuidados e os estímulos que devem ser considerados no período de aquisição da linguagem em portadores de PC, DEL RÉ E ROSELI VASCONSELO (2017) em seu artigo, ressaltaram que a falta de estímulos escolares e familiares dificultará ainda mais o processo de aquisição:

Muitas criança com PC não tem acesso a aquisição da leitura e da escrita, por dar-se prioridades as habilidades mais básicas, como a comunicação e o autocuidado ou devido à baixa expectativa que pais e professores podem ter em relação a alfabetização de pessoas usuárias CSA (comunicação suplementar e alternativa)(DEL RÉ e ROSELI VASCONCELLOS 2017,p.1).

A autonomia da criança com necessidade educacional específica deve ser respeitada e estimulada em seu convívio social, considerando que haverá restrições devido as suas dificuldades motoras que causam limitações sérias na maioria dos casos de paralisia cerebral. Desse modo, trabalhar a autonomia de expressão da linguagem, é dar “voz” aos educando com PC. Pois, mesmo havendo as impossibilidades na fala, a comunicação estará presente, nas expressões como: risos, balbucio, olhares...

A fala desse aluno, se realiza em qualquer forma de expressão e comunicação quando estimuladas. Assim, falar de interação e inclusão, é um assunto que gera bastante conflitos. Tudo isso porque a ideia de necessidades especiais ainda está sendo associada a impossibilidade de realizar atividades rotineiras sem ajuda de outra pessoa, ou a exclusão social. Por isso existe uma necessidade de construir uma sociedade inclusiva, começando no ambiente familiar e escolar.

3 METODOLOGIA E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A presente pesquisa utiliza-se da metodologia descritiva, com finalidade de analisar a importância da família e do educador, como mediadores nos distúrbios da aquisição da linguagem, em criança com paralisia cerebral; através de estudos e pressupostos de teóricos da área, tais como Vygotsky (1935), Minuchin (1990), Lenneberg (1967), entre outros pesquisadores relacionado ao tema a medida em que as leituras e pesquisas forem se desenvolvendo, por exemplo Del Ré (2006) dentre outros.

Para a observação, foram escolhidas escolas e famílias em que haviam casos da PC, com a finalidade de compreender como a família e o educador podem contribuir para esse processo, e quais métodos podem ser trabalhados para a possibilidade de desenvolver autonomia para a comunicação.

Para esse estudo, foi necessário a pesquisa de campo no âmbito familiar e escolar, entrevistas e questionários com pais e professores desses alunos, e a observação participativa da autora da pesquisa, além do diário de observação e acompanhamento das pessoas escolhidas como alvo da observação.

A pesquisa é de caráter qualitativo com ênfase em estudos bibliográficos, artigos e observações, que possui o objetivo de fazer entender a importância da família e do educador no desenvolvimento da linguagem nos casos da PC. Esse estudo não levou em consideração as condições sociais dos entrevistados, nem o sexo, para coleta de dados. Porém, os níveis de escolaridade dos dois alunos com a paralisia cerebral, foram observados e teve grande relevância nessa pesquisa, uma vez que, a observação também visa analisar o papel do educador como mediadores do desenvolvimento da linguagem na pessoa com PC.

O tipo de paralisia cerebral das pessoas alvo da pesquisa, e a idade, também foi considerada para análise, além dos estímulos encontrados nos ambientes familiares e escolares. A entrevista, como técnica de coleta de dados, para se obter informações relevantes ao trabalho de pesquisa de campo, aconteceu na cidade de Santo Amaro/BA, município do recôncavo baiano; de maneira presencial. A princípio realizamos 08 perguntas:

1. Com quantos anos a criança começou a falar?
2. Como foi a emissão dos primeiros sons da criança?
3. Como você percebeu a dificuldade da fala da criança?

4. Como a família estimulou o desenvolvimento da fala?
5. Como a escola contribui com o desenvolvimento da fala?
6. Como é a socialização desse aluno na escola?
7. Como a escola avalia a oralidade deste aluno?
8. Como é o processo avaliativo deste aluno?

Além disso, foram feitas anotações no diário de visita de campo. “A pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social” (ANTONIO COLOR GIL, 2008,p.26).

A pesquisa social, justifica-se pela razão de conhecer o papel da família e do educador, como interventores nos déficits do desenvolvimento da linguagem em criança com PC.

As perguntas formuladas, possuíam o objetivo de responder a problemática do tema, de caráter sigiloso de alguns dados pessoais, e com a concessão dos entrevistados, foi possível a realização desta. Cada pergunta foi respondida diretamente pelos participantes escolhidos. As perguntas feitas na escola: Padre Finelon Costa (situada na praça Joviano Barreto – centro/Santo Amaro/BA), respondidas pela coordenadora da instituição e a mãe da aluna. Foi adota o questionário estruturado, com questões fixas, invariáveis, a qual possibilitou uma análise estática dos fatos, tais como: o pouco acesso das pessoas com PC em escola regular da cidade. Essa realidade, é contraria a diretrizes de base da educação nacional, lei 4.024/61, que regulamenta a inclusão de criança com necessidades educacionais especificas no ensino regular. Essa lei, é uma conquista para a educação desses alunos, isso indica que: apesar das limitações causada pela disfasia, esse educando possui condições de aprendizagem como qualquer aluno do ensino regular. Uma promoção da inclusão social. A escola deve propor um espaço de aquisição de novos conhecimentos e um espaço de inclusão de diversidade.

Nesse contexto se insere a APAE (associação de pais e amigos dos excepcionais), situada na avenida Ferreira Bandeira-centro da cidade, onde aconteceu as entrevistas, com a fonoaudióloga, psicopedagoga e a professora do aluno com paralisia cerebral, estudante da instituição. A entrevista feita no APAE, mantendo as mesmas questões da entrevista estruturada. Porém, os entrevistados

responderam livremente, o que deu a possibilidade de esclarecer mais sobre o assunto da pesquisa e abordar problemas reais poucos conhecidos.

Outro método de pesquisa de campo adotado, foi a observação direta. Ela possui grande importância para o desenvolvimento da pesquisa, na formulação do problema, na coleta de dados e na análise. É um meio de adquirir os conhecimentos que se quer alcançar na pesquisa:

“ A) serve a um objetivo formulado de pesquisa;

B) é sistematicamente planejada;

C) é submetida a verificação de controles de validade e precisão” (SELLTRIZ ET AL.1967, p.225).

Nesse caso, a vantagem da observação é precisa, pelo o motivo dos fatos serem percebidos diretamente pelo pesquisador. Desse modo, optei por observar diretamente o educando da APAE, onde me possibilitou a participação direta nas aulas deste aluno, bem como um contato com ele, em que realizei algumas perguntas. “A observação participante, ou observação ativa, consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada.” (SELLTRIZ ET AL;1967, p.103).

Além das observações das aulas, participei como regente em algumas aulas, em que introduzir a matéria de inglês básico e libras para iniciantes. Em todas essas aulas, o aluno alvo da observação participou ativamente das aulas, e mostrou facilidade para adquirir uma segunda língua, mesmo possuindo limitações da fala de sua língua materna.

A pesquisa participativa, é vista como técnica fundamental de pesquisa:

A técnica de observação participante pode assumir duas formas distintas: (a) natural, quando o observador pertence a mesma comunidade ou grupo que investiga;(b) artificial, quando observador se integra ao grupo com o objetivo de realizar uma investigação (SELLTRIZ ET AL;1967, p.103).

A entrevista também foi realizada com esse aluno alvo da observação, na APAE. O estudante, aceitou as perguntas e respondeu de forma livre, o que possibilitou a descoberta de outro ponto relevante para pesquisas futuras, como a facilidade do aluno com paralisia cerebral em adquirir a língua inglesa e conseguir pronunciar com clareza, apesar das limitações da fala. No próximo capítulo observaremos, a

importância da família e do educador para o desenvolvimento da linguagem na criança com PC, mediante a análise dos dados obtidos durante a pesquisa de campo.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

Nessa sessão serão analisados os dados coletados durante a pesquisa de campo, baseados em referências teóricas que corroboram com nosso corpus e a intenção da pesquisa. A análise dos dados é fundamental para a conclusão da pesquisa, a qual segue fielmente os dados coletados em entrevistas e observações no Colégio Padre Finelon Costa, e na APAE da cidade de Santo Amaro/ BA. Nessas duas instituições, pudemos observar e considerar a temática aqui pesquisada, isto é, debruçamos na análise sobre a importância do meio familiar e escolar das crianças que são diagnosticadas com paralisia cerebral, logo na primeira infância.

Primeiramente, faz-se importante estabelecer um panorama geral dos dois portadores da PC, os quais serão nomeados doravante como aluno X, e a aluna Y. Em seguida, fizemos uma análise mais detalhada dos dados coletados na entrevista e na observação, conforme segue abaixo.

4.1 ANÁLISE GERAL

O aluno PEDRO, acometido com a síndrome de retardo mental secundária a paralisia cerebral mista (G80.0)¹, associada a epilepsia (G40) quadro originado de uma meningite que o acometeu durante a primeira infância. Como consequência, as crianças afetadas por essa paralisia irá desenvolver rigidez muscular com dificuldade de movimentos, deglutição e fala. Atualmente PEDRO, está com 25 anos. Ele é estudante da APAE de Santo Amaro e está inserido no grupo 5 do Ensino Fundamental 1 da instituição, sendo esta sua primeira inserção no ambiente escolar, o aluno tem acesso a escola por meio do transporte escolar, pois mora em Acupe/BA Distrito de Santo Amaro/BA.

A instituição de ensino APAE, situada no centro de Santo Amaro da Purificação/BA, há aproximadamente 80 km de Salvador/BA. A instituição é filantrópica custeada pela a Prefeitura local, pais de alunos e associados, sem fins lucrativos.

Com uma estrutura ampla, dividida em cinco salas que compreende da alfabetização ao grupo 5 EJA. A sala do grupo 5 EJA, a qual o aluno PEDRO fazia

¹ Esse número G80.0 se refere ao CID da Paralisia Cerebral, do mesmo modo, o CID G40 é referente as Síndromes Epilética Idiopáticas.

parte, possuía cadeiras com braços destros, apesar do aluno não ter a locomoção na mão direita, e só conseguir utilizar a esquerda, a sua cadeira era sempre com braços destros, o que lhe dificultava a escrita. Além da sua necessidade educacional específica, na sala havia outros alunos com especialidades como: autismo, surdez, TDA, o que achei muito interessante pois a sala conseguia manter uma boa interação entre os alunos, e todos possuíam o interesse de aprender a língua de sinais, inclusive Pedro, para se comunicar com os colegas surdos.

As aulas na APAE, eram sempre lúdicas e visuais, o que faziam com que os alunos pudessem ter uma melhor compreensão dos conteúdos em sala.

Diferente da APAE, o colégio Padre Finelon Costa, também situado no centro de Santo Amaro/BA, é uma instituição de ensino regular, entidade particular. A escola conta com uma ampla estrutura dividida em três andares, as salas geralmente são situadas no terceiro andar da instituição. A escola atende alunos do fundamental II até o ensino médio.

Nesse contexto está inserida CARLA. A aluna hora depois do seu nascimento, foi diagnosticada com a Leucomácia Periventricular (LPV), causa mais rotineira da paralisia cerebral nos lactantes prematuros, ocasionando sequelas ao neurodesenvolvimento:

A leucomácia periventricular tem sido classificada como uma desordem caracterizada por áreas multifocais de necros, formando cistos na matéria branca cerebral profunda, as quais são frequentemente simétrica e ocorrem adjacentes aos ventrículos laterais. Essas lesões necróticas correlacionam-se estreitamente com o desenvolvimento da paralisia cerebral (NEVES,T; ARAÚJO,J,2014, p.1).

As crianças acometidas pela LPV, terá distúrbio motor, a visão e audição apresentarão comprometimentos, o que trará impactos nas suas habilidades perceptivas, interferindo nas habilidades psicolinguísticas. A aluna CARLA, atualmente está com 14 anos, estudante do oitavo no do ensino fundamental II do Padre Finelon Costa. Mesmo a escola ser de entidade particular, não oferta a aluno um atendimento especializado para trabalhar suas necessidades educacionais, além de não haver uma adaptação do espaço escolar, pois mesmo com a dificuldade de locomoção a aluna precisa subir escadas. Carla é a única da escola a possuir necessidade educacional específica.

A partir do próximo parágrafo será feita a análise dos dados coletados durante as entrevistas e na observação participativa, que serviram como fontes importantes para responder a problemática da pesquisa.

4.2 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM PESSOAS COM PC

Como já foi dito acima, na metodologia, a coleta de dados se deu por questionário com a mãe da estudante Carla e, com a coordenadora da escola em que a aluna estuda. A seguir serão analisados os dados coletados.

O primeiro questionário de caráter estruturado, foi respondida de forma manuscrita pela mãe da aluna:

A primeira pergunta foi sobre com quantos anos Carla começou a falar, segundo a mãe da aluna a fala foi desenvolvida com 1 ano e 6 meses de idade. Em seguida, foi feita a pergunta sobre como foi a emissão dos primeiros sons da criança. Segundo a mãe, Carla começou por palavras monossílabas e depois veio a formar frases.

As palavras monossílabas, é base para associação e formulação de frases posteriores, quanto a isso CEZARIO MARTELOTTA (2009) também considerou:

A articulação torna-se um hábito, e a criança, numa etapa seguinte, passa a imitar os sons que ouve. Ela faz associações entre sons e coisas, inicialmente e, em seguida, aprender a associar uma palavra a uma coisa que está ausente. (CEZARIO; MARTELOTTA, 2009, p. 207).

A terceira pergunta que teve como objetivo saber quando a mãe percebeu a dificuldade da fala na criança, foi notado pela mãe por causa da lentidão a qual Carla pronunciava as palavras. Como já é sabido, o distúrbio da Paralisia Cerebral pode ocasionar atraso na aquisição da primeira língua. O atraso ocorre quando a fala segue sequência normal, porém mais lenta.

O desenvolvimento atípico da linguagem pode ser um sintoma comum a diversas patologias, desde doenças do SNC, de origem genética ou psiquiátrica, podendo mesmo ser o primeiro sinal de alerta em algumas situações. Pode, ou não, estar associado a atraso mental, ou a como habilidades várias, como paralisia cerebral, alterações cromossômicas, fenda do palato, surdez, ou surgir isoladamente. (AMORIM, ROSE, 2011, p.1)

Diante disso, há uma necessidade de identificar precocemente as disfasias que alteram o processo de desenvolvimento da fala, pois essas disfasias podem influenciar futuramente a aprendizagem escolar. Relacionando aos estímulos para o desenvolvimento da aprendizagem e autonomia, a criança terá como base a família e a escola. Considerando isso, a quarta pergunta teve como objetivo saber como a família estimulou o desenvolvimento da fala e da autonomia. Em resposta, segundo a mãe da aluna, a família foi orientada a falar com a criança de forma clara e direta sem utilização de falas específicas para criança, além de estimular por meio da sucção por meio da amamentação e a utilização de canudos.

As respostas obtidas sobre o desenvolvimento da linguagem de Carla, relaciona-se a ideia interacionista de VYGOTSKY (1984), que defende o meio em que a criança é inserida, como a base dos seus desenvolvimentos autônomos futuros. “O aprendizado pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que os cercam” (VYGOTSKY, 1984, p.99). A família é o primeiro meio social no qual o indivíduo será inserido, desse modo, os estímulos que a criança recebe nesse meio, lhe dará possibilidades para ações futuras próprias. Relacionando a isso, e a ideia interacionista de VYGOSTSKY(1984), SCARPA (2006) afirma também que o desenvolvimento da linguagem é consequência dos estímulos do meio

A aprendizagem da linguagem seria fator de exposição ao meio e decorrente de mecanismos comportamentais como reforço, estímulo e resposta. Aprender a língua materna não seria diferente, em essência, da aquisição de outras habilidades e comportamentos, como andar de bicicleta, dançar, etc. já que se trata, ao longo do tempo, do acúmulo de comportamentos verbais (SCARPA, 2006, p. 206).

DEL RÉ (2006) considerou o input (entrada por meio de estímulos) e o output (saída de dados por meio de respostas aos estímulos) em uma conexão de estímulos e respostas: “para que o processo se inicie, não basta a capacidade inata, é preciso que a criança esteja em determinado meio (social, cultural, etc.) em que esteja pessoas falando, para que seja estimulada a falar” (DEL RÉ, 2006, p. 20).

O método da sucção utilizado pela mãe, é um meio de estímulo ao desenvolvimento da comunicação oral, pois esta envolve os músculos orofaciais. Nesse caso, ela acontece mediante ao movimento dos lábios, língua e palato, partes envolvidas na comunicação oral. Alimentação é fundamental para que a criança

possa se desenvolver saudável e também por meio dela, que é feito movimentamos da parte muscular da boca, permitindo também a produção de sons e a construção das palavras.

Então, todo o “esforço” que o bebê faz no momento da mamada é extremamente benéfico e importante para o correto desenvolvimento da face e das suas estruturas orais. Os lábios, a língua, as bochechas, a mandíbula e os músculos da face são fundamentais para que a criança possa, posteriormente falar e mastigar corretamente. Portanto, não são poucos os motivos que justificam o incentivo constante ao aleitamento materno, principalmente nos primeiros seis meses de vida do bebê (JUNGUEIRA, 2005, p.77).

Nesse caso, os estímulos adotados pela mãe de Carla foram fundamentais para o desenvolvimento da sua fala. Algumas técnicas válidas é possível ser adotada tais como o aleitamento materno, alimentos sólidos, e a estimulação através da imitação, fazendo com que a criança possa imitar a mastigação do adulto. É fundamental para a família com caso da PC estimular nas primeiras fases logo após o diagnóstico a musculatura envolvida na fala e os sentidos da criança de sua linguagem

A Organização Mundial de Saúde(OMS), reconhece o aleitamento exclusivo durante os primeiros seis meses de vida: “O aleitamento materno deve ser exclusivo até os 6 meses de vida” (DIRETRIZES DE ESTIMULAÇÃO PRECOCE/ MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016, p.79).

A alimentação estimula a ação mastigatória e posteriormente a produção da fala. Isso implica dizer, que o processo de aprendizagem no meio familiar, é necessário para o desenvolvimento linguístico e cultural do indivíduo. Esse desenvolvimento se iniciará através das imitações dos estímulos recebidos no meio familiar, aquilo que criança consegue fazer com ajuda de outra pessoa. Tudo isso lhe dará autonomia futuramente. No caso de Carla, o seus estímulos contribuíram para o desenvolvimento da sua linguagem. A atitude de pronunciar palavras claras e pausadamente, por sílabas, permite que haja uma assimilação de sons e objetos na criança com PC. Quanto a isso, PIAGET(1964/1978) também considerou a imitação fundamental para assimilação de significado e significante. Por sua vez, VYGOTSKY (1984) considerou a imitação um meio de desenvolvimento proximal:

De acordo com sua visão, a experiência social exerce seu papel através do processo de imitação; quando a criança imita a forma pela qual o adulto usa instrumentos e manipula objetos, ela está dominando o verdadeiro princípio envolvido numa atividade particular (VYGOTSKY, 1984, p. 24).

Desse modo, é fundamental a interação da criança com paralisia cerebral com meio familiar e também lhe proporcionar experiências externas, como o meio escolar. A escola tem grande importância para aprimorar os conhecimentos já obtidos no ambiente familiar, além de desenvolver a autonomia mediante a exploração de novos ambientes, além de que, para o aluno com necessidade educacional específica, ser inserido na escola lhe dará oportunidade de ampliação cultural e linguística.

Para aprofundar os conhecimentos sobre a importância da escola para o desenvolvimento da linguagem em pessoas com PC, foi feito o questionário no Colégio Padre Finelon Costa, como foi mencionado na metodologia acima. Em um questionário impresso, por opção da coordenação da escola, foram feitas perguntas referentes a interação social da aluna, e também como a escola contribui para a sua interação.

A primeira pergunta buscou compreender como a escola contribui com o desenvolvimento da fala da aluna Carla, em resposta a coordenadora salientou que a escola deve ser um ambiente que proporcione interação social:

A escola é o lugar mais propício para o desenvolvimento da fala do educando, por conta da interação com uma vasta quantidade de pessoas de todas as idades, cultura etc. sendo assim aqui ou em qualquer escola criamos situações e atividades que promovem a oralidade como roda de conversa, debate, leitura, música (canto), seminários e etc. (COORDENADORA da escola).

O ambiente escolar deve estimular a interação das adversidades, como o ato da Escola em proporcionar situações que promova a socialização da aluna com PC, e os demais colegas para que sejam trabalhadas e estimuladas as necessidades específicas de aprendizagem. Afirmando isso, a ONU em 2006 assegura a inclusão educacional do excepcionais no ensino:

a) As pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral sob alegação de deficiência e que as crianças com deficiência não sejam excluídas do ensino fundamental gratuito e compulsório, sob alegação de deficiência; b) As pessoas com deficiência possam ter acesso ao ensino fundamental inclusivo, de qualidade e gratuito, em igualdade de condições com as demais pessoas na comunidade em que vivem (Art.24).

Mediante ao Art. 24, a escola que acolhe o aluno especial, deve lhe oferecer a mesma oportunidade de desenvolvimento do demais alunos, além de promover a interação de todos.

Em continuidade com os questionamentos, a segunda pergunta teve como objetivo saber como é a socialização da estudante na escola. Como resposta a esta questionamento a coordenadora falou sobre os trabalhos que foram feitos para que a aluna pudesse interagir na escola.

logo que a aluna chegou aqui, foi apresentada a toda comunidade escolar e esta foi recebida de maneira carinhosa e sem distinção. Por tal razão tenho certeza que ela está bem integrada, não somente com a sua turma, mas com todos os alunos e funcionários também. (COORDENADORA)

Para conhecer os meios pelo quais a escola contribui para o desenvolvimento da oralidade na aluna, a terceira pergunta quis saber como a escola avaliava a oralidade da estudante. Os dados coletados nessa pergunta foi fundamental para a compreensão sobre a proposta de interação da escola para a aluna, a qual por meio da resposta foi notado uma extrema preocupação por parte da escola em que aluna esteja sempre em interação com o ambiente escolar. Porém, a proposta de interação deve ser ligada a proposta de inclusão, com isso deve haver um respeito ao tempo da aluna em interagir. A interação deve atender as necessidades da aluna, não apenas da escola.

Como todo adolescente a aluna se comunica muito bem, porém há dias que a mesma fica retraída, o que é muito comum, mas mesmo neste dia nós sempre procuramos fazer com que ela converse e amplie seu círculo de amizade. (COORDENADORA)

Existe uma necessidade do indivíduo do contato social para que este possa ganhar autonomia e se humanizar. Quanto a essa necessidade de interação social do indivíduo, REGO (1995) compara a falta de socialização a história do menino lobo, que não conseguia obter novos conhecimentos externos por se manter isolado do meio social:

Quando encontradas, praticamente não apresentavam um comportamento humano: não conseguiam permanecer em pé, andavam com o apoio das mãos, não falavam, se alimentavam de carne crua ou podre, não sabiam usar utensílios (tais como, copo, grafo etc.), nem pesar de modo lógico (Davis & Oliveira, 1990, p. 16). Quando isolado, privado do contato com os outros seres, entregue apenas a suas próprias condições e a favor dos recursos da natureza o homem é fraco e insuficiente (REGO, 1995, p. 58).

Nesse caso a interação social deve da pessoa com paralisia cerebral, deve ser em todos ambientes que esse indivíduo possa ter contato: familiar, escolar ou extra a sala de aula, são importante para auxiliar no aprimoramento da sua fala por meio de novos contatos culturais. Por isso, a escola que tem em seu corpo docente um aluno com necessidades educacionais específicas, deve criar métodos de interação e inclusão que atendam às suas necessidades, além de oferecer atividades em que possa ser avaliado progresso do aluno. Sobre isso, a última pergunta, quis saber sobre os métodos avaliativos da escola para a aluna, Considerando suas limitações motoras e de fala. Respondendo a isso, a coordenadora considerou a importância da autonomia para o aluna:

o processo avaliativo da aluna é feito de acordo com as orientações nos dadas, por meio de relatório do especialista que estava acompanhando a mesma. Por esta razão procuramos elaborar as avaliações que atenda a necessidade da aluna, respeite suas limitações e que no final possa ter autonomia, domínio e por último, mas não menos importante, consiga obter resultados favoráveis para seu desenvolvimento. Vale lembrar que durante as avaliações (prova e teste) a aluna tem à disposição um funcionário para orientá-la no que for possível (COORDENADORA).

Para VYGOTSKY (1984), após os primeiros estímulos da criança obtidos no meio familiar, a escola é outro meio de imersão que possibilita desenvolvimento maiores no indivíduo, além de ganhos de conhecimentos e autonomia. Construir conhecimentos é uma atividade em conjunto, pois é por intermédio de alguém que a criança estabelece relação entre sujeito e objeto. No contexto escolar, essa interação de compartilhamento estabelecido entre aluno e professor que tem um aluno especial, trará bons resultados, uma vez que, mesmo com os estímulos individuais e espontâneos que o aluno especial já possui não será o bastante para aquisição de novos conhecimentos. Desse modo, o professor que tem um aluno com a paralisia cerebral, precisa desenvolver um trabalho que possibilite o mesmo socializar, participar e ganhar autonomia no seu ambiente escolar, respeitando sempre suas limitações e trabalhando para melhora da mesma.

Após o fim da entrevista na instituição, e em conversa informal minha com a mãe da aluna, algumas questões foram discutidas, dentre elas como a mãe avaliava a contribuição da escola para o processo do desenvolvimento da linguagem de Carla e a sua autonomia para realizações de atividades sem ajuda de alguém. A mãe

demonstrou uma insatisfação com alguns métodos de ensino utilizados por alguns professores da instituição, para ela alguns docente não inclui Carla no ensino.

A mãe de Carla relatou situações como a dificuldade da aluna na matéria de língua portuguesa, pela dificuldade motora, e os conteúdos demandar muitas escritas, o que acaba fazendo com que a aluna não consiga copiar tudo, desse modo, a mesma acaba tendo baixo rendimento na matéria. É sabido que as ações humanas se realizam nas práticas sociais por meio da linguagem seja: de sinais, verbal, expressões faciais e corporais e por meio de práticas digitais, que promovem a interação social do indivíduo.

A BNCC da área de linguagens tem como objetivo promover prática da linguagem no indivíduo, e por meio dela ampliar a interação social mediante as variadas formas de manifestações da linguagem. Com isso, o ensino de língua portuguesa não pode ser restrito apenas a escrita, mas também as práticas orais e reflexiva da linguagem por qualquer meio em que ela possa ser expressa, para que haja uma ampliação cultural e linguística dos falantes.

É preciso criar possibilidades reais que favoreçam a inclusão escolar dos alunos com necessidades educacionais específicas. Para atender a essa demanda, em 2001 o MEC lança as diretrizes nacional para Educação Especial no ensino Básico, que visa atender as diversas necessidades dos alunos da educação especial, com intuito de tornar mais acessível a inclusão nas escolas regulares desses alunos, e assim garantir sua permanência na escola.

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (MEC/SEESP, 2001).

Considerando a proposta do MEC (2001) para a Educação Especial no ensino regular, e assim garantir a permanência mediante a promoção da inclusão, estende-se também as Escolas Especiais que atendem as mais variadas especialidades educacionais. Deve ser considerado o fato de que assim como as instituições regulares, as Escolas que atendem apenas alunos com necessidades educacionais específicas, também são fundamentais no processo de desenvolvimento da linguagem em seus alunos, além de que, devem promover a interação social de cada um desses.

A Política Nacional de Educação Especial tem como público - alvo indivíduos que possuam qualquer tipo de necessidade educacional que precise de um atendimento especializado. Esse apoio deve ocorrer em escolas regulares e especiais, como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais(APAE). Para aprofundar o conhecimento sobre a importância da educação especial para o desenvolvimento da linguagem em alunos com paralisia cerebral, o próximo parágrafo irá analisar os dados obtidos sobre o estudante Pedro, a primeira entrevista foi feita com a professora do aluno, na instituição APAE, as perguntas foram respondidas de forma oral pela docente.

A primeira pergunta sobre a contribuição da APAE para desenvolvimento da fala do aluno, foi respondido pela professora que o aluno conseguia manter uma boa comunicação na sala, além de participar ativamente de todas as atividades em sala de aula.

O desafio da inclusão e interação no ambiente escolar, é fazer com que todos os alunos independente das disfasias, possam ter sucesso em sua aprendizagem.

Desse modo, cabe a escola criar estratégia que promova a interação dos seus alunos. Considerando que a interação social possibilita ganhos de conhecimentos culturais e ajuda a desenvolver a linguagem no aluno com paralisia cerebral, a segunda pergunta teve como objetivo saber como a educação especial promove a socialização desse aluno. Como resposta a essa pergunta, a professora salientou que mesmo com a dificuldade motora, o aluno se esforça para ter um escrita legível:

Se relaciona com qualquer colega da APAE, tem dificuldade de usar a tesoura, tem uma escrita compreensiva, mesmo que muita lenta. Ele está aprendendo até inglês e libras. No inglês, além da aprendizagem ser rápida, sua pronúncia é clara, mesmo que seja palavras soltas (PROFESSORA)

Um dos instrumentos da comunicação é fala. Para Especialistas alguns distúrbios podem afetar o desenvolvimento da fala em criança. Em alguns casos a regressão do distúrbio é ao longo do crescimento da criança, o qual teóricos classificaram como período crítico da fala, em outros casos se tornam crônicos, como a PC. Porém, mesmo diante das dificuldades, é preciso dá possibilidades de desenvolvimento para esse aluno.

O desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro (outras pessoas do grupo cultural), que indica, delimita e atribui significados

à realidade. Por intermédio dessas modificações, os membros imaturos da espécie humana vão pouco a pouco se apropriando dos modos de funcionamento psicológico, do comportamento e da cultura, enfim, do patrimônio da história da humanidade e de seu grupo cultural. Quando internalizados estes processos começam a ocorrer sem a intermediação de outras pessoas (REGO, 1995, p. 61).

Com isso, o aluno com a PC ganha autonomia para realizar atividades mediante a ajuda recebida do educador. O educador auxilia nesse processo quando oferta proposta pedagógica que atenda a necessidade de seu aluno.

Com a intenção de conhecer a proposta pedagógica de avaliação na educação especial, a terceira pergunta sobre como a escola avaliava a oralidade de Pedro, a docente fez elogios ao aluno pela forma como ele se comunica no ambiente escolar:

A memória dele não foi afetada, muito pelo contrário, se der um recado, ele dá. Recados perfeitos, se houver uma festa, ele lembra. Acho que sua comunicação teve pouco comprometimento, você entende o que ele fala. Entende tudo que ele fala, mesmo com dificuldade de pronúncia, mas não altera os sons das letras. Porém, quando está nervoso não consegue a comunicação oral, porém faz gestos e tenta a fala (PROFESSORA)

O educador deve criar possibilidades de tornar acessível ao aluno com alterações neurológicas a comunicação, o gesto da professora em pedir ao aluno que entregue recados, é uma forma de estimular a socialização e a memória. O educador precisa assegurar as possibilidades de desenvolvimento aos seus alunos, conforme estabelece a lei 13.146/2015 no Art. 28 :

V - adoção de medidas individualizadas e coletivas em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes com deficiência, favorecendo o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem em instituições de ensino (Art.28. lei 13.146/2015).

Essa medida visa garantir a autonomia dos excepcionais na sociedade. A inclusão se amplia no meio social quando está produz a interação de todos, ofertando diversas oportunidades a todos.

Deste modo, a proposta de interação de uma escola, deve considerar também as limitações físicas desses alunos, desenvolvendo um trabalho específico para ajudar superar suas dificuldades de aprendizagem. Com base na lei 13.146/2015 art.28 que visa garantir a permanência do aluno com necessidade educacional específica na educação especial, a pergunta sobre como é feita a avaliação de Pedro na instituição considerando suas limitações motoras e suas restrições na fala. A docente comentou

que o aluno possui uma autonomia nas tarefas direcionadas para casa, e também salientou a importância da família de Pedro nesse processo de desenvolvimento da linguagem e da autonomia para as tarefas da escola.

O desenvolvimento da oralidade tem como componente fundamental a coordenação orofacial, porém, a criança afetada pela Paralisia Cerebral terá sua motricidade totalmente comprometida ou com redução significativa, o que fará que em muitos casos haja um atraso nas primeiras pronúncias. Por isso, a família é essencial para este desenvolvimento. A Diretrizes de Estimulação Precoce do Ministério da Saúde (2016) recomenda as brincadeiras feitas na hora da troca de fralda, as caretas e outras formas de contato, para a estimulação orofaciais que ajudam no desenvolvimento da fala.

A fala demanda planejamento e coordenação orofacial. Quando estiver brincando, inclua ações como assoprar velas, jogar beijos, fazer bolhas de sabão ou emitir sons específicos de modo prolongado, como “mmm” ou “sss”. Brinque de alternar expressões faciais como sorrir ou fazer careta. (MINISTÉRIO DA SAÚDE,2016,p.138)

A teoria do interacionismo social defende que a interação da criança com a família e os estímulos recebidos nesse meio, são requisitos fundamentais para aquisição da linguagem e os desenvolvimentos posteriores. É de extrema importância que a família se envolva nesse momento de estimulação, pois trará influência positiva para o desenvolvimento cerebral e motor.

Além dos estímulos familiar e, no ambiente escolar, a pessoa com Paralisia Cerebral pode necessitar de acompanhamento específico. Na APAE, o aluno conta com o auxílio da Fonoaudióloga no processo de reabilitação da fala, e com a Psicopedagoga para trabalhar as dificuldades específicas de aprendizagem.

4.3 A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA PARA SUPERAR AS DISFASIAS DA FALA EM PESSOAS COM A PC, NA CONCEPÇÃO DA FONOAUDIÓLOGA E DA PSICOPEDAGOGA

Nesse capítulo serão analisados os dados coletados em entrevista com a fonoaudióloga e a psicopedagoga da APAE, sobre o desenvolvimento da linguagem no indivíduo com a paralisia cerebral. A entrevista aconteceu de forma aberta, deixando as entrevistadas livres para as respostas, dentro do tema desta pesquisa.

Em entrevista com a fonoaudióloga, foi feita apenas uma pergunta sobre a contribuição dá para o desenvolvimento da fala desse aluno. A resposta a seguir da fonoaudióloga demonstra que existe um pré- conceito determinado teoricamente sobre o desenvolvimento da fala em pessoa com a PC, restringindo o educando apenas a pequenos avanços, sem grandes expectativas de desenvolvimento.

Olha Cássia...não tive contato com o paciente portador da paralisia cerebral ainda, me formei recentemente, o meu conhecimento é pouco. Só matéria curricular. As pessoas acometidas pela PC, vão ter atrasos na fala, não tenho caso clínico estudado específico. Eles vão ter atrasos de fala, demora para começar a falar, escrever...provavelmente a consciência fonológica será comprometida, e retardará a fala, leitura, associar o som a escrita (FONOAUDIÓLOGA, 2019).

Em comparação a afirmação da fonoaudióloga da instituição, Lamonica (2010) também fonoaudióloga, escreveu sobre os aspectos da formação fonológica em pessoas com a PC:

Quanto a expressão, a produção morfossintática pode ser reduzida no intuito de adequar suas fonoarticulação. Deve-se levar em conta que a incapacidade funcional motora, agindo na região da cintura escapular e atuando no controle da musculatura orofacial, na respiração e na coordenação pneumofonoarticulatoria, prejudicava sua expressão oral (LAMONICA,2010, pág. 381)

Com fala restrita pela incapacidade motora da paralisia cerebral, será necessária uma didática no ambiente escolar que trabalhe essa dificuldade para o desenvolvimento da fala nesse aluno, respeitando sempre suas limitações e seu tempo de desenvolvimento.

Semelhante a isso, a psicopedagoga da instituição, também considerou que a escola precisa ser um ambiente que dê possibilidades de desenvolvimento ao aluno com necessidade educacional específica. Considerando que a instituição que possui um aluno com essa especialidade, não pode adotar um planejamento padrão. Porém, ofertar novas práticas de ensino para possibilitar a aprendizagem deste aluno.

Nessa perspectiva, a visão da psicopedagogia sobre o desenvolvimento do aluno Pedro, foi fundamental para o andamento da pesquisa. A psicopedagoga considerou que em alguns casos a PC afeta o desenvolvimento da linguagem assim como em outras áreas do cognitivo. A escola precisa ter um ambiente bem rico e cooperativo para o desenvolvimento da linguagem nesse educando.

Com relação a isso, a lei 13.146/2015 no Art. 28 dispõe sobre as estratégias pedagógicas para gerar possibilidades de desenvolvimentos positivos e autônomos ao aluno da educação especial:

IX - adoção de medidas de apoio que favoreçam o desenvolvimento dos aspectos linguísticos, culturais, vocacionais e profissionais, levando-se em conta o talento, a criatividade, as habilidades e os interesses do estudante com deficiência (LEI 13.146/2015, Art.28)

A educação especial ganhou um reforço na década de 90, com a declaração de SALAMANCA (unesco,1994), de que a inclusão precisa ser um trabalho em conjunto da escola com a família, para que possibilite aos portadores de necessidades especiais maiores avanços.

A comissão de direitos de pessoas com deficiência aprovada pela ONU(2006), assegura que o estado deve oferecer um sistema de educação inclusiva:

“As pessoas com deficiência tem o direito de usufruir de condições de vida, o mais comum ou normais possíveis na comunidade onde vivem, ou seja, educacionais e recreativas frequentadas por grupos de sua mesma idade” (ONU 2006).

Atendendo a isso, em 2007 foi lançado o plano de desenvolvimento da educação (PDE), que tem como prioridade a formação específica para professores da educação especial, acessibilidade e a adaptação no ambiente escolar. As instituições de ensino regular e especial, devem promover estratégias para que haja a inclusão cultural, emocional e familiar.

Para ter propriedade para discutir sobre estratégias pedagógicas na educação dos alunos com paralisia cerebral, foi feita a observação participativa, como já mencionado na metodologia. Essa observação deu fundamentos para discussões posterior, além de levantar problemática para estudos futuros. No capítulo a seguir serão analisados os dados obtidos na pesquisa participativa.

4.4 ANÁLISE DA OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA NA PESQUISA:

Nesse capítulo serão discutidos os dados coletados na observação participativa. A observação participativa no APAE, me permitiu experiências com o aluno Pedro, bem como também me permitiu fazer uma análise mais consistente sobre a importância da família e da escola para o desenvolvimento da linguagem em

casos da PC. Além de que, algumas observações levantaram outros questionamento para estudo futuros, como a facilidade na aquisição de uma segunda língua.

No primeiro dia da observação foi permitido por parte da professora regente da sala, permitiu que eu pudesse sentar ao lado desse aluno. Observei no decorrer das aulas sua interação comunicativa com os colegas, mesmo havendo as restrições na fala, era explícita. Pedro acenava com um braço e abria a boca para tentar pronunciar uma palavra. Quanto a sua socialização, o aluno brinca e conversa com os colegas de sala. O que mais me chamou a atenção na observação, foi que apesar da alteração neurológica que afeta a aquisição e o desenvolvimento da língua materna, o aluno tem uma facilidade de adquirir uma nova língua.

No segundo dia de observação, a professora me cedeu duas horas de aula para que eu pudesse ministrar as aulas de inglês básico e Libras.

Iniciei a aula de inglês trabalhando as cores a pedido de Pedro, onde notei a facilidade de memorização das palavras por meio da assimilação de objetos utilizados na aula representando as palavras. O que indica que se houver estímulos positivos, o indivíduo afetado por uma disfasia tem grandes possibilidades de desenvolvimentos mesmo havendo restrições, como é o caso da restrições motoras do aluno com PC que foi observada quando exposto as aulas de Libras.

No desenvolvimento da aula de Libras na sala de aula do APAE, o educando teve mais dificuldade de sinalizar, considerando que a paralisia cerebral afeta o sistema nervosos e motor, restringindo movimentos, como na escrita que o aluno realizava apenas com o braço esquerdo. Porém, a sua memorização não foi afetada, pude perceber isso quando o aluno lembrava todos os sinais sinalizados em sala. A memória é fundamental para o desenvolvimento da linguagem, é por meio dela que o indivíduo associa as coisas ao seu significado, por isso ela precisa ser trabalhada frequentemente nos casos da PC, pois outros fatores que contribuem para o desenvolvimento da linguagem estarão afetados, como a capacidade motora que impossibilitará os movimentos orofaciais importante para que a fala seja realizada.

O desenvolvimento motor é importante na aquisição da linguagem oral, escrita e corporal, sua restrição ocasionará dificuldade na aquisição da linguagem. MILLER (2005) considerou o fato da restrição motora como fator atenuante para a dificuldade no processo de desenvolvimento da pessoa acometida pela PC:

O desenvolvimento motor, quando ocorre com atraso, costuma seguir uma sequência própria, desorganizada, dependente da etiologia específica que levou a este atraso, trazendo consequências importantes nas interações que a criança faz no seu ambiente, podendo promover alterações secundárias com influência imediata no desempenho de habilidade de vida diária (MILLER; et ali, 2005, p.2).

Os dados obtidos sobre a dificuldade motora nos casos diversos da PC que também afetaram o desenvolvimento da linguagem, demonstra que as estratégias trabalhadas pela família dentro de suas possibilidades e a escola, foram fundamentais para o desenvolvimento de Carla e Pedro.

No capítulo a seguir será feito a comparação dos dados coletados dos dois alunos com caso de PC. Será considerado nessa análise os meios de estímulos adotados para os avanços dos alunos nos ambientes em que estavam inseridos.

4.5 COMPARAÇÃO DOS DADOS

Nesse capítulo será feito a comparação de dados coletados com os dois alunos com caso de PC. Os dados coletados nesse estudo, se relaciona a teoria sociointeracionista de VIGOTSKY (1984), e a teoria de DEL RÉ (2006) em que ambos afirmam que o indivíduo se desenvolve a partir dos estímulos recebidos no meio que está inserido, mesmo nos casos das disfasias que podem ocorrer durante o período do desenvolvimento. Nas duas pessoas acometidas pela PC, foi notado que cada uma teve um tempo de desenvolvimento cognitivo, e que cada estratégia adotada pela família e a escola, foi essencial nesse processo, o que resultou em ganho de autonomia dos alunos e a promoção da inclusão.

Para assegurar o direito a aprendizagem, a lei de Diretrizes de Base do Art.58 considera os seguintes aspectos da inclusão escolar:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

A ideia de interação na educação deve ser além de permitir fazer parte do quadro de aluno da escola, é preciso também criar possibilidades dentro desse ambiente que dê autonomia de aprendizagem a esse aluno, em uma didática que atenda a necessidade educacional do estudante. Semelhante a isso CARVALHO(2004)

defendeu que a inclusão é proporcionar possibilidades de desenvolvimentos autônomos:

Pensar na inclusão dos alunos com deficiência(s) nas classes regulares sem oferecer-lhes a ajuda e apoio de educadores que acumularam conhecimentos e experiências específicas, podendo dar suporte ao trabalho dos professores e dos familiares, parece o mesmo de fazê-los constar, seja como número de matrícula, seja como mais uma carteira na sala de aula (CARVALHO,2004, p.29).

Muito se confunde as instituições de ensino ao inserir os alunos com necessidades educacionais específicas em seu corpo docente, e não lhe proporcionar oportunidades de interação social. Assim, as pessoas com Paralisia Cerebral irá necessitar de apoio educacional e emocional. Por isso, a família e a escola precisam ser parceiras nesse processo de aprendizagem, a família deve estimular a autonomia, e a escola completar esse trabalho.

A presente pesquisa, me permitiu um conhecimento mais sólido sobre a paralisia cerebral e seus efeitos sobre quem é acometido por ela. Desse modo, sugiro que as instituições de ensino, ofertem as pessoas com necessidades educacionais específicas uma educação libertadora. Isso vai requerer dos profissionais da educação, metodologias de ensino que possibilite a autonomia desses alunos. A escola precisa se adaptar a necessidade educacional do aluno com paralisia cerebral.

A proposta citada acima, é baseada nos dados coletados nesse estudo, e em especial, minha participação ativa na APAE, a qual pude presenciar o desenvolvimento do aluno Pedro nas aulas de inglês. O estudante se interessava pelas aulas, acredito que isso aconteceu pelo fato das aulas ter sido adaptadas as suas necessidades de aprendizagem, e o resultado dessa metodologia, foi a autonomia que o aluno desenvolveu para aprender a língua inglesa por vídeo aula em casa. Acredito que a proposta de inclusão na escola deve priorizar a adaptação do aluno, sua aprendizagem, autonomia e interação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho destacou pontos importantes que nos dias atuais estão sendo negligenciados na sociedade, como a importância da convivência familiar para o indivíduo e o processo de inclusão escolar dos alunos com necessidades educacionais específicas. Isso significa dizer que a educação familiar e escolar, é um processo que precisa ser aprimorado diariamente, para que aconteça a integração desse indivíduo.

A família e a escola são instituições que precisam estar unidas para oferecer possibilidades de aprendizagem e acima de tudo autonomia, não apenas focar na tentativa de socialização ao inserir o aluno com paralisia cerebral no ensino regular. É preciso uma reorganização psicológica da família para a aceitação dessa nova realidade. Quanto o ambiente escolar, precisa haver uma proposta pedagógica voltada a inclusão, além da capacitação dos profissionais da educação inclusiva, uma vez que, algumas escolas desconhecem essas obrigações de adaptação mediante a necessidade do aluno, o que resulta em exclusão no processo denominado inclusão.

Este trabalho também destacou pontos relevantes para estudos posteriores, como o fato dos alunos que possuíam a paralisia cerebral, ter uma facilidade de adquirir uma segunda língua mesmo havendo restrições de fala da sua língua materna. Outro ponto que merece uma maior observação, é as instituições de ensino especial não ofertar a matéria de ensino de uma segunda língua na educação especial.

A proposta de inclusão, deve incluir, não eliminar matérias e possibilidades de conhecimentos. O processo de inclusão ainda tem muito o que se aprimorar, porém, a bandeira da integração já foi erguida, e esse já é um grande passo onde a família, a escola, o educando, e a sociedade são contemplados.

REFERÊNCIAS

AGORA (Rio de Janeiro).vol,17.N 1 Rio de Janeiro jan/jul 2014. Disponível em :www.scielo.br/scielo. Acesso em: jan/jul 2014.

APARECIDA CUSIN LAMÔMICA,D.(Org).**Tratado fonaudiologia**: paralisia cerebral e habilidades comunicativas. 2 edição/ editora Rocha Ltda, São Paulo, 2010.

DEL RÉ, A. (Org.). **Aquisição da Linguagem**: uma abordagem psicolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.

DEL RÉ,A; VASCONCELLOS,R. **Paralisia Cerebral** : efeitos da escrita sobre a escrita. Alfa: Revista de Linguística. Vol,61. N 02 São Paulo maio/ago 2017. Disponível em: www.scielo.br/scielo. Acesso em : maio/ago 2017.

FERREIRA MURATA,M: **Paralisia Cerebral**: conhecimento das mães sobre o diagnóstico e o impacto deste na dinâmica familiar. Paideia (Ribeirão Preto).Vol,10. N 19 Ribeirão Preto ago/dez 200. Disponível em :www.scielo.br/scielo. Acesso em :ago/dez 200.

NEVES TAVARES,A.T; ARAÚJO LUCAS,J: Paralisia Cerebral Quadriplagica Espática. Vol,25. N 1 2014. Disponível em: www.scielo.br/scielo. Acesso em:2014.

PINO, A. **A criança e seu meio**: contribuição de Vygostky ao desenvolvimento da criança e á educação.psicol.usp.Vol,21. N O4 São Paulo,2010. Disponível em :www.scielo.br/scielo. Acesso em 2010.

PRIETO GAVIOLI,R.(Org). **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. Editora SummusLtda, São Paulo,2006.

REBEL FERREIRA,M: **Rev.bras.crescimentoedesenvolv.hum**: prognósticomotore perspectivas atuais na paralisia cerebral. (São Paulo). Vol,20.N 2 São Paulo ago/2010. Disponível em: www.blogtodamateria.com.br . Acesso em: ago/2010.

REGO, Tereza Cristina. **As raízes histórico-sociais do desenvolvimento humano e a questão da mediação simbólica**. In: _____ Vygotsky: uma perspectiva históricocultural da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SPOSITO MELLO,M; ROBERTO,M. **Fisiatria**: Avaliação da funcionalidade da criança com paralisia cerebral espástica. Vol,17. N 2 jun/2010. Disponível em: www.fisiatria.com.br. Acesso em :jun/2010.